

## Narrativas Autobiográficas e História da Educação Matemática na Formação de Professores a Distância

Maria Laura Magalhães Gomes<sup>114</sup>

### RESUMO

Este trabalho aborda uma das possíveis maneiras de conectar narrativas autobiográficas, formação de professores e histórias da educação matemática, tratando da realização de atividades de leitura e produção de textos autobiográficos pelos alunos da disciplina História do Ensino da Matemática, do curso de Licenciatura em Matemática a distância oferecido pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Considera-se, inicialmente, a inevitabilidade da presença da dimensão histórica nas muitas propostas atuais sobre o uso de narrativas na formação de professores, empreendendo-se, logo depois, uma rápida apresentação do contexto focalizado. Segue-se uma breve discussão de fundamentos teóricos para o trabalho com a escrita de si em vínculo com a História da Educação Matemática. Finalmente, comentam-se alguns aspectos emergentes dos textos produzidos pelos licenciandos nos anos de 2011 e 2013, relacionados ao ensino e à aprendizagem da tabuada.

### Introdução

Vive-se, já há algum tempo, nas Ciências Humanas, um movimento de valorização da subjetividade e dos relatos em primeira pessoa. Nesse movimento, as pesquisas em Educação têm investido intensamente nas teorizações, nos cuidados e nas práticas relacionadas às narrativas autobiográficas, sejam elas advindas de testemunhos orais ou produzidas na forma escrita, nas mais diversificadas instâncias e circunstâncias. No Brasil, no campo da Educação, têm assumido grande relevância ações relacionadas à formação inicial ou continuada de professores conjugadas à pesquisa cuja tônica está centrada no trabalho com narrativas (ABRAHÃO, 2004; CORDEIRO; SOUZA, 2010; PRADO; SOLIGO, 2007). Não tem sido diferente no campo específico da Educação Matemática, no qual, entre muitos outros, podemos lembrar os trabalhos de Fiorentini (2006), Megid e Fiorentini (2011), Nacarato (2010), Passos e Galvão (2011), Nacarato e Passeggi (2013), Silva (2013) e Silva, Baraldi e Garnica (2013).

Esses trabalhos em Educação e Educação Matemática, que conectam narrativas e formação de professores, têm sido concebidos e desenvolvidos com bases teórico-metodológicas bastante variadas e se constituem apoiados em gêneros narrativos

<sup>114</sup> Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, mlauramgomes@gmail.com.

diferenciados; envolvem tanto a oralidade como a escrita, usadas em modos que também variam segundo os focos das pesquisas e os posicionamentos de seus realizadores. No entanto, a fundamentação em narrativas de sujeitos da educação, comum a todas essas investigações, une-as pelo foco no interesse na experiência humana.

Como sublinhou Ricoeur (2000, p. 190), “o caráter comum da experiência humana, assinalado, articulado e aclarado pelo ato de narrar em todas as suas formas, é seu caráter temporal”. “O tempo se torna humano na medida em que está articulado de maneira narrativa; em contraposição, a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal” (RICOEUR, 2010, p. 9). Para o filósofo, possivelmente todo processo temporal só pode ser reconhecido como tal na medida em que se possa narrar de um modo ou de outro. Bem depois da publicação de *Tempo e narrativa*, obra em que estabeleceu os fundamentos dessa reciprocidade entre narrativa e temporalidade, Ricoeur (2000), em texto editado pela primeira vez em 1997<sup>115</sup>, salientou que sua proposição reúne, num mesmo rótulo, diversos problemas usualmente abordados com nomes distintos, entre eles o da epistemologia do conhecimento histórico.

O estudo de Ricoeur enfatiza, portanto, a relação entre historiografia e narração. Mesmo que nem todo trabalho que associa narrativas e formação de professores (de Matemática) realce ou valorize explicitamente a dimensão histórica, ela está inevitavelmente presente neles. Neste texto, juntamente com os outros autores proponentes da mesa redonda *Conexões possíveis entre narrativas, formação de professores e histórias da educação matemática*, buscamos explicitar (e ressaltar) as potencialidades dos vínculos entre esses três aspectos. Para isso, mobilizamos, aqui, o cenário da formação inicial de professores, no caso particular do curso de licenciatura em Matemática a distância da UFMG, reportando-nos a atividades de leitura e escrita de narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática, nas duas oportunidades em que ela foi ministrada, em 2011 e 2013.

<sup>115</sup> Narratividade, fenomenologia e hermenêutica é o título desse texto, publicado pela primeira vez em 1997, em castelhano, como último capítulo do livro *Horizontes del relato. Lecturas y conversaciones con Paul Ricoeur*, obra coletiva em homenagem ao filósofo (RICOEUR, 2000).

## Narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática na licenciatura a distância da UFMG

A participação dos conhecimentos históricos na formação de professores de Matemática é costumeiramente defendida em diversos documentos voltados para essa formação, argumentando-se sobre o aporte que podem representar para a compreensão de questões referentes ao ensino e à aprendizagem. Muitos cursos de licenciatura inserem, em suas matrizes curriculares, a disciplina História da Matemática, que, em geral, centraliza seu enfoque no desenvolvimento, ao longo do tempo, dos conhecimentos matemáticos. Contudo, apesar de sua relevância formativa, reconhecida por vários autores, tem sido menos frequente a inclusão de dimensões históricas das questões relacionadas ao ensino nas atividades realizadas na preparação institucional dos docentes.

Diferentemente do que ocorre comumente, a elaboração do projeto curricular da licenciatura a distância da UFMG valorizou a focalização de aspectos históricos do ensino pela inserção, no 3º ano<sup>116</sup>, da disciplina História do Ensino da Matemática para a integralização curricular dos estudantes. Até o momento em que escrevemos, a disciplina foi ministrada apenas duas vezes, em 2011 e 2013, com a participação de alunos de seis polos, envolvendo, em cada oferecimento, a professora e dois tutores a distância. Como parte das atividades realizadas nessas duas ocasiões, desenvolvemos um trabalho integrado de leitura e produção de textos autobiográficos pelos estudantes, que descrevemos sucintamente a seguir.

Propusemos aos alunos a leitura de seis excertos das memórias de autores brasileiros que viveram no século XX e, nesses textos, incluíram considerações quanto ao ensino da Matemática que tiveram: Álvaro Moreyra, Felicidade Arroyo Nucci, Augusto Meyer, Sylvia Orthof, Humberto de Campos e Nelson Werneck Sodré. Os licenciandos leram, ainda, pequenos textos com informações sobre cada um dos autores, e, após essas leituras, foram solicitados a realizar duas tarefas: 1) escolher os dois entre os seis excertos propostos que mais lhes chamaram a atenção e escrever sobre eles, buscando apresentar sua interpretação sobre as experiências com a Matemática

<sup>116</sup> O curso, cuja duração é de cinco anos, iniciou-se em 2009, com turmas ingressantes em quatro polos: Araçuaí, Conceição do Mato Dentro, Governador Valadares e Montes Claros. Posteriormente, passaram a ser atendidos os polos de Januária, Bom Despacho, Corinto e Teófilo Otoni.

narradas; 2) a partir de um roteiro<sup>117</sup> proposto pela professora, produzir um texto contando sua própria história de ensino de Matemática, desde os primeiros anos escolares até o ingresso no curso de licenciatura da UFMG.

Dois objetivos eram visados por essas atividades de leitura e produção de escritos autobiográficos<sup>118</sup>: mostrar ao aluno a relevância das fontes autobiográficas para que se conheça o passado do ensino da Matemática em nosso país e conduzir o licenciando a perceber sua própria inserção como sujeito da história do ensino da Matemática no Brasil pela realização de uma tarefa reflexiva sobre sua vida pessoal e escolar.

### **Fundamentos teóricos para o trabalho com a escrita autobiográfica em conexão com o campo da História da Educação Matemática**

Os autores de livros de memórias, por vezes, relatam experiências de escolarização que incluem referências ao ensino de Matemática, abordando lembranças de aulas, atitudes e estratégias de professores, casos acontecidos em sala de aula. Entre esses autores, encontram-se antigos alunos e professores, cujos textos possibilitam o acesso a histórias de ensino de Matemática de um modo diferente daqueles favorecidos pela leitura da legislação, das prescrições curriculares, dos livros didáticos e de outros documentos dos arquivos escolares. Consideramos que o uso desses materiais pode ser proveitoso não somente em uma abordagem histórica do ensino da Matemática, como a projetada para o curso de licenciatura a distância da UFMG, mas também na função mediadora que podem exercer na produção de narrativas pelos estudantes, recurso fecundo de formação docente, conforme tem sido proposto por muitos pesquisadores.

Vincular escrita autobiográfica e História da Educação Matemática requer a explicitação dos pressupostos teóricos em que nos apoiamos, o que será realizado de maneira sucinta nas próximas linhas. Ressaltamos, primeiramente, o reconhecimento do valor da subjetividade no entendimento do passado – nas palavras de Sarlo (2007, p. 18), trata-se do movimento da “guinada subjetiva”, um “reordenamento ideológico e conceitual da sociedade do passado e de seus personagens, que se concentra nos direitos e na verdade da subjetividade”, com a restituição da confiança na primeira pessoa.

<sup>117</sup> Por limitações de espaço, não podemos reproduzir esse roteiro. O leitor interessado poderá conhecê-lo, juntamente com outros detalhes referentes ao tema aqui tratado, em Gomes (2014).

<sup>118</sup> Utilizamos, neste texto, indiferentemente, as expressões narrativas/escritos/textos autobiográficos ou autorreferenciais, bem como a expressão “escrita de si.”

Admitimos, nessa perspectiva, que, como qualquer documento, os escritos autobiográficos não relatam o que “verdadeiramente” aconteceu, e que trabalhar com esses materiais constitui uma prática de “história escrita no plural”. Não há, portanto, para nós, a História, “mas as histórias, espécies de itinerários possíveis, que não dariam conta da totalidade ou da verdade, mas dariam explicações plausíveis” (PESAVENTO, 2012, p. 34). Os relatos autorreferenciais são, então, legitimados “como verdades dos sujeitos que as vivenciaram e as relatam” (GARNICA, 2008, p. 135) e, nessa perspectiva, tratamos de histórias da educação matemática e não da História da Educação Matemática.

É preciso, em seguida, colocar em evidência a convivência de tempos que marca qualquer relato em primeira pessoa e, particularmente, os textos autobiográficos. A rememoração do passado é sempre feita no presente em que se fala ou escreve, o que leva uma inevitável dimensão anacrônica para o discurso sobre o pretérito, vinculada à subjetividade do autobiógrafo, que também se constitui a partir do repertório sociocultural que ele construiu ao longo do tempo. No momento da escrita, o autobiógrafo recorrerá, possivelmente, àquilo que se lhe afigura como relevante realçar num tempo posterior àquele sobre o qual discorre. É essencial, por conseguinte, que se considere que o relato se desdobra em duas temporalidades – o momento de narrar e o momento do acontecido, e esse aspecto se entrelaça à subjetividade de cada narrador de suas próprias vivências.

Outro aspecto a ser levado em conta refere-se à possibilidade de existirem diversos tipos de relações do texto autobiográfico com seu autor. Quais as intenções do escrito autobiográfico? A quais leitores cada autor se remete? Por que essa narrativa foi escrita? Esses escritos foram produzidos para serem publicados? Como se caracterizam os textos autobiográficos no que diz respeito aos sentimentos que os inspiraram?

Além de assinalar que a escrita de si pode ter natureza diferenciada, refletindo, por exemplo, nostalgia, vingança, ressentimento, catarse, ou intenções educativas, Viñao (2000) recomenda atenção quanto às maneiras de escrever, que são também diversificadas. As manifestações individuais na escrita autorreferencial, apesar do elo inevitável que cada autor mantém com os códigos sociais de sua época e meio, precisam ser consideradas, pois esse modo singular de narrar as próprias histórias é parte intrínseca do que cada autor conta em seu texto, assim como as alusões a pessoas, instituições, contextos, que nem sempre são conhecidos suficientemente pelo leitor.

Para uma interpretação pertinente, será preciso recorrer a outros documentos (VIÑAO, 2000). Para o campo da História da Educação Matemática, será preciso mobilizar, por exemplo, relatórios investigativos já produzidos, legislação, programas de ensino, livros didáticos, cadernos e outros documentos escolares.

Não menos importante é levar em conta a subjetividade, não somente da escrita, mas também da leitura do texto autobiográfico, uma vez que a atribuição de significados a cada texto sempre estará radicada nas vivências socioculturais do leitor. Como qualquer escrito, o formulado na primeira pessoa estará sempre aberto a novas inquirições e responderá a cada leitor de acordo com as circunstâncias desse leitor que com ele interage.

Com esses fundamentos, percebemos a escrita de si como um componente a ser explorado de maneira frutífera tanto na pesquisa como no ensino da História da Educação Matemática. Focalizamos, a partir de agora, parte da prática pedagógica que desenvolvemos nas turmas da licenciatura a distância da UFMG nos anos de 2011 e 2013, detendo-nos sobre alguns aspectos emergentes na produção dos alunos mediada pela leitura dos fragmentos autobiográficos dos seis autores anteriormente referidos.

### **Professores em formação à distância e narrativas autobiográficas na disciplina História do Ensino da Matemática**

Como foi dito, depois da leitura de seis excertos autobiográficos acompanhados de pequenos textos informativos sobre seus autores, propusemos aos licenciandos que escolhessem os dois excertos que lhes tivessem mais chamado a atenção e escrevessem sobre eles, e também que, rememorando suas experiências de vida, especialmente aquelas vinculadas ao ensino e à aprendizagem da Matemática, produzissem um texto narrando sua própria história de ensino de Matemática, desde os primeiros anos escolares até o curso de licenciatura em Matemática da UFMG. Um total de 57 alunos, distribuídos nos polos de Araçuaí, Conceição do Mato Dentro, Governador Valadares, Januária, Montes Claros e Teófilo Otoni, constituiu o conjunto dos nossos leitores/ autores de escritos autobiográficos, que postaram seus trabalhos na Plataforma Moodle por meio da qual o curso a distância é viabilizado. O material produzido é vasto e diversificado, e pode ser explorado de muitos modos. Como o espaço de que dispomos é pequeno, optamos, aqui, por focalizar um aspecto específico que se sobressaiu nos

textos produzidos pelos alunos. Trata-se do grande interesse despertado pelo fragmento da autobiografia<sup>119</sup> da professora paulista Felicidade Arroyo Nucci, nascida em 1914, e que atuou no ensino estadual primário até sua aposentadoria em 1964<sup>120</sup>. Dos 57 licenciandos, 36 elegeram o texto de autoria de Nucci para atender à nossa solicitação. No fragmento lido pelos estudantes, a autora trata especificamente de práticas que realizava para que seus alunos da escola primária memorizassem mais facilmente a tabuada de multiplicação.

E sobre a tabuada?

Era um bicho de sete cabeças a decoração da tabuada: era uma aula monótona, insípida, da qual o aluno não tinha nenhum interesse e daí a dificuldade em decorá-la. Comecei a usar de vários recursos os quais auxiliavam a memorização e tornavam a aula menos massante<sup>121</sup>. Primeiro eu lhes ensinei que todas as tabuadas pares eram constituídas de números igualmente pares, as tabuadas ímpares começavam com número ímpar, seguido de número par e assim ímpar, par, ímpar, par... até o primeiro número ser multiplicado por dez. Para as classes de 1º ano eu dizia infantilmente: o último número é o primeiro chutando uma bolinha... (NUCCI, 1985, p. 81<sup>122</sup>).

A licencianda Cely, do polo de Januária, inseriu a lembrança de sua própria experiência difícil com o aprendizado da tabuada no texto que redigiu sobre Felicidade Nucci.

A autora FELICIDADE NUCCI relata sobre o ensino da tabuada. (...) muitos de nós quando começamos no ensino fundamental achávamos mesmo que a tabuada era um bicho de sete cabeças, lembro-me que quando a professora minha da 4ª série Dona Lourdes fazia arguição da tabuada eu ficava muito nervosa (...) era horrível, tinha medo de errar. A FELICIDADE NUCCI ensina a tabuada de uma maneira mais prática, as aulas se tornam prazerosas; o aluno passa a ter gosto pela disciplina de matemática. Se tivesse tido uma professora como essa, tinha aprendido com mais facilidade, pois ela procura recursos para que o aluno adquira o interesse e consiga memorizar.

Ângela, de Teófilo Otoni, mostra admiração por Felicidade Nucci ao mesmo tempo que se posiciona acerca das práticas de memorização e acerca da postura de educadora que considera adequada.

<sup>119</sup> Em 1985, Nucci publicou o livro *Memórias de uma mestra-escola*, em edição particular impressa nas Oficinas da Sociedade Impressora Pannartz Ltda, da cidade de São Paulo.

<sup>120</sup> Nucci esteve em sala de aula até a primeira metade da década de 1950, tendo, posteriormente, exercido cargos de direção de grupos escolares.

<sup>121</sup> Embora a grafia correta da palavra seja “maçante”, optamos, aqui, por reproduzir a forma como ela está escrita no livro de Felicidade Nucci.

<sup>122</sup> Transcrevemos somente um trecho pequeno do excerto lido pelos licenciandos.

Achei simplesmente notável a visão de didática e do ensino dessa educadora (...) A palavra decorar por si só já nos causa repulsa, fazer sem entender e ser mero repetidor é horrível. (...) só faço algo quando vejo sentido naquele ato (...) Quando se aprende brincando, automaticamente memorizamos e fazemos uma associação nos levando ao entendimento para o resto de nossas vidas e com certeza se for preciso o uso dessa técnica apresentada por Felicidade em sala de aula eu o farei sem constrangimento algum, pois temos que ser criativos, incansáveis e persistentes até que sejamos compreendidos no que nos propomos ensinar.

No texto em que narra sua própria história, Ângela se remete às práticas de sua professora em relação à tabuada.

Lembro-me muito pouco da minha infância, minha tia diz que devo sofrer de alguma espécie de amnésia, mas ao fazer esta atividade me recordo que a tabuada era decorada e o castigo pelo erro era escrever em um caderno diversas vezes o que eu havia errado... a professora era malandra, sempre me pegava no mesmo erro, me perguntava a tabuada de sete, então eu respondia correto, mas quando ela me perguntava o inverso, eu não sabia responder, exemplo:  $7 \times 6 = 42$ , e me perguntava  $6 \times 7 = 42$  eu errava.

Itamar, estudante de Araçuaí, nascido em 1972, escolheu os excertos de Nucci e Humberto de Campos (que se refere ao uso da palmatória na escola de sua infância, no fim do século XIX, como castigo para quem errava os resultados da tabuada), enfatizando que ambos narram práticas com a tabuada. E, como Cely, entrelaça sua própria experiência como aluno da escola primária (também relacionada a castigos físicos infligidos pela professora) aos comentários sobre os textos autobiográficos lidos.

(...) os dois relatam um pouco da história que presenciei nas escolas ambos falam da tabuada (...) época da palmatória (...) se não respondêssemos certo recebíamos uma palmada na mão, tínhamos que decorar a tabuada (...) a forma que estudávamos era através do decoreba ou caso contrário apanhávamos, são tempos que não tenho saudades (...) me lembro como hoje ainda (...) na quarta série, tinha uma professora que era bem carrasco nesse sentido (...) cheguei a presenciar um colega recebendo uma reguada na palma da mão por conta de não responder a tabuada (...) a professora bateu-lhe com a régua na palma da mão, uma régua de madeira, isto sem contar com os beliscões e puxão de orelhas.

Entretanto, embora pareça achar “natural” essa prática de castigos físicos, ainda nos anos 1970, época em que cursou o ensino primário, Itamar considera que, atualmente, ela não está mais presente na escola, pois mudanças ocorreram:

Já hoje é totalmente diferente, pra ver o quanto foi mudado, são fatos que jamais poderão acontecer no ensino hoje, mas são épocas bem diferentes muitas coisas foram mudadas no intuito de melhorias e benefícios para o bom aprendizado e compreensão dos alunos e assim continuaremos na luta e esperanças de transformações que qualifiquem melhor o ensino e também o nível de aprendizado dos alunos.

Localizamos sentidos próximos aos presentes nos excertos anteriores nos textos escritos por muitos estudantes<sup>123</sup>. Observamos que a leitura dos trechos de memórias de Felicidade Nucci e Humberto de Campos, especialmente, ecoou na escrita dos alunos; foram muito frequentes as manifestações de admiração pela competência da professora Felicidade para ensinar matemática, junto a demonstrações de valorização dos recursos da docente para facilitar a memorização da tabuada. Percebemos, também, mostras de surpresa pelas atitudes da professora, que atuou em sala de aula nas décadas de 1930, 1940 e 1950: nas palavras do aluno Jack, de Araçuaí, ela apresenta “o que se espera de um professor nos anos de hoje, pois busca soluções para derrubar mitos, tornar as aulas mais atrativas, estimulantes e prazerosas, para, com isso, obter-se melhor rendimento”.

Chamou-nos a atenção, também a presença de muitas alusões dos licenciandos às vivências de sua escolarização primária em relação à tabuada. Há grande quantidade de relatos de incômodos ou sofrimentos, mas também surgem experiências de prazer e alegria, mesmo o roteiro oferecido não fazendo menção ao assunto da tabuada. É importante dizer que esses estudantes são de faixas etárias muito diferenciadas – com idades variando aproximadamente entre 20 e 50 anos de idade. Ao considerar que os relatos concernem a um período ainda recente da educação matemática escolar, as narrativas dos alunos nos permitem afirmar a perenidade das práticas escolares de memorização, de arguição, de punição e de recompensa.

Muitas outras histórias da educação matemática podem ser contadas a partir dos textos dos alunos da licenciatura a distância da UFMG que participaram das atividades aqui abordadas. No entanto, elas devem ficar para outro momento.

## Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

<sup>123</sup> Vários exemplos, retirados dos textos de licenciandos da turma de 2011, são apresentados em Gomes (2014).

CORDEIRO, V. M. R.; SOUZA, E. C. de. (orgs.). **Memoriais, literatura e práticas culturais de escrita.** Salvador: EDUFBA, 2010.

FIORENTINI, D. Uma história de reflexão e escrita sobre a prática escolar em matemática. In: FIORENTINI, D.; CRISTOVÃO, E. M. (Org.). **Histórias e Investigação de/em Aulas de Matemática.** Campinas: Alínea, 2006.

GARNICA, A. V. M. **A experiência do labirinto:** metodologia, história oral e educação matemática. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

GOMES, M. L. M. História da educação matemática, formação de professores a distância e narrativas autobiográficas: dos sofrimentos e prazeres da tabuada. **Bolema**, Rio Claro, 2014, no prelo.

MEGID, M. A. B. A; FIORENTINI, D. Formação docente a partir de narrativas de aprendizagem. **Interacções** (Coimbra), v. 7, p. 178-203, 2011.

NACARATO, A. M. A formação matemática das professoras das séries iniciais: a escrita de si como prática de formação. **Bolema**, Rio Claro, v.23, n.37, p. 905-930, 2010.

NACARATO, A. M.; PASSEGGI, M. da C. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. **Revista Educação PUC-Campinas**, v. 18, n.3, p. 287-299, 2013.

NUCCI, F. A. **Memórias de uma mestra escola.** São Paulo: Ed. da Autora, 1985.

PASSOS, C. L. B.; GALVÃO, C. Narrativas de Formação: investigações matemáticas na formação e na atuação de professores. **Interacções** (Portugal), v. 18, p. 76-103, 2011.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PRADO, G. do V. T.; SOLIGO, R. (orgs.). **Porque escrever é fazer história:** revelações, subversões e superações. Campinas: Alínea, 2007.

RICOEUR, P. Narratividad, fenomenología y hermenéutica. **Anàlisi. Quaderns de comunicació y cultura**, Barcelona, n. 25, p. 189-207, 2000.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa.** v.1. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SARLO, B. **Tempo passado, cultura da memória e guinada subjetiva.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SILVA, H. da. Integrando história oral e narrativas a abordagens pedagógicas problematizadoras na formação inicial de professores de matemática. **Revista Educação PUC-Campinas**, v. 18, n.3, p. 269-285, 2013.

SILVA, H. da; BARALDI, I. M.; GARNICA, A. V. M. Sentidos para a pesquisa com narrativas (em Educação Matemática). In: FLORES, C. R.; CASSIANI, S. (org.). **Tendências contemporâneas nas pesquisas em Educação Matemática e Científica:** sobre linguagens e práticas culturais. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 61-89.

VIÑAO, A. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. **Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ**, n.1. Rio de Janeiro: UERJ-Faculdade de Educação, 2000, p.82-97.